Adágio

Dill está online

L. P. Dickinson

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dickinson, L. P.
Adágio : Dill está on-line / L. P. Dickinson. -- 1. ed. -- Califórnia da Barra, Barra do Pira, RJ : Luciana de Paiva Passos Gomes, 2022.

ISBN 978-65-00-52307-2

1. Ficção brasileira I. Título.

22-127452 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Revisão
Amanda Fidelis

Capa
Nicolas Barboza

Capítulo 1 – Senhor Destino e Dona sorte.....7

Capítulo 2 – De volta ao mundo dos vivos.....46

Capítulo 3 – Hello, Stranger!.....153

Capítulo 4 – Um peixe na rede.....159

Capítulo 5 – Batendo em sua porta.....174

Capítulo 6 – Alexandre, sempre Alexandre.....204

Capítulo 7 – E te neguei três vezes.....228

Capítulo 8 – Deixando o ninho.....324

Capítulo 9 – Uma nova chance.....359

Capítulo 10 – Tudo tem seu preço.....387

Capítulo 11 – Realidade em preto e branco.....414

Capítulo 12 – Todo fim é um recomeço.....427

Agradecimentos.....444

Para meu marido Éder

Como todas as histórias que escrevi e as que ainda escreverei.

Capítulo 1 – Senhor Destino e Dona sorte



Dylan O'Brien estava nervoso, sentado na sala de espera do consultório do Dr. Dave Mallman, um conceituado neurologista de Manhattan. Já estava arrependido por se deixar convencer a fazer aquela consulta. Afinal, eram apenas dores de cabeça. E quem não tem dores de cabeça? Era verdade que elas estavam ficando mais frequentes e mais intensas também. Porém, ele sabia que andava abusando. Desde que se separou, não saía mais do bar do Sam. Eram noites e mais noites sem dormir, enchendo a cara com seus velhos amigos de copo dos tempos que ainda era um solteirão convicto.

O bar do Sam era uma espécie de sua segunda casa. Ali ele se encontrava com os amigos que, em sua maioria, também eram solteirões, divorciados ou simplesmente estavam cheios de suas mulheres. Aliás, Sam nem era o verdadeiro nome do bar e muito menos o proprietário. Na realidade, era o *barman*. Um septuagenário com muitos anos de balcão que sabia como ninguém ouvir as lamúrias de seus assíduos fregueses e colocá-los para cima sempre com uma palavra de carinho. Tratava todos ali como filhos e essa relação, quase familiar, era o que fazia com que Dylan apreciasse muito aquele lugar. Chegavam após um dia de trabalho, afrouxavam suas gravatas, encostavam suas pastas num canto, para rirem e chorarem suas mágoas enquanto bebiam. E depois de muitas doses se enchiam de coragem para enfrentar suas solitárias casas ou suas entediantes esposas.

E Dylan conhecia bem esses dois lados. As muitas noites solitárias que viveu durante anos e depois a total falta de vontade de voltar para a casa e encontrar uma mulher que ele não amava. "Se ao menos ela não tivesse perdido o bebê!". Havia depositado naquele filho todas as suas expectativas de ter finalmente uma família. E mesmo tendo consciência de que não amava

Jessica como ela esperava, estava disposto a se casar com ela e tentar ser feliz. Entretanto, sua felicidade, a saudável expectativa de ser pai e de ter uma criança nos braços para poder amá-la e protegê-la, como sempre desejou poder fazer, não chegou ao quarto mês de gestação. Acordou no meio da noite com Jessica chorando de dor e a cama toda suja de sangue. Ele correu. Correu mais que pôde, mas em vão. E sem que ninguém pudesse explicar o que tinha acontecido, viu seu sonho desmoronar de súbito. Tinha entrado na estatística: uma em cada dez mulheres perde o primeiro filho. Depois disto, a convivência entre eles se tornou muito difícil. Nenhum dos dois estava feliz. Dylan se isolara dentro de si mesmo, mergulhado em um mundo que Jessica não conhecia e onde não havia lugar para ela. E Jessica se consumia em culpa por não ter atendido aos pedidos dele para se afastar da empresa e se dedicar apenas àquele bebê.

Ela sentia que, no fundo, Dylan a culpava, embora ele nunca tivesse dito nada, uma palavra sequer. E via-o se distanciar, escorregar por entre seus dedos sem conseguir segurá-lo. Muitas vezes, teve vontade de esbofeteá-lo e fazer com que ele dissesse alguma coisa, colocasse para fora sua revolta e tudo o que o deixava tão infeliz. Mas, não. Ele sempre tinha um sorriso no rosto e isso a deixava ainda mais amargurada. "A quem ele está tentando enganar?" Dividiam o mesmo apartamento, mas estavam sempre sozinhos. Quando a oportunidade de uma transferência para São Francisco apareceu, ela não teve dúvida: arrumou as malas e foi embora. Aquele romance tinha sido mesmo um grande erro. Eles eram bons amigos e nunca deveriam ter passado disso. Porém, apesar de tudo, a amizade resistiu. Jessica estava sempre em Nova Iorque e o apartamento de Dylan, que por algum tempo havia sido sua casa, estava sempre de portas abertas para recebê-la. E quando isso acontecia, eles se divertiam muito. Riam, bebiam e conversavam. Eram momentos agradáveis como nos velhos tempos. Sem expectativas, sem cobranças e sem decepções. Só amizade como nunca deveria ter deixado de ser. Dylan a divertia. Era uma criança grande sempre cheio de histórias e tiradas bem-humoradas. Jessica acreditava que ele não levava a vida fora do escritório muito a sério. Nada que não se relacionasse à empresa, tinha muita importância para ele.

E justamente por ele não levar a vida muito a sério que ela estava ali, naquele consultório com ele. Tinha se cansado de pedir que ele procurasse um médico para descobrir o motivo de todas aquelas fortíssimas dores de cabeça.

Tão fortes que da última vez chegou a perder os sentidos. Desmaiou a deixando desesperada. Felizmente ela estava em Nova Iorque, no apartamento dele, quando aconteceu senão, certamente, jamais teria ficado sabendo que Dylan não estava bem de saúde. Jessica o conhecia bem. Ele nunca lhe pediria ajuda. Tinha uma irritante mania de achar de não precisava de ninguém.

A secretária apareceu na entrada do corredor e pediu que eles a seguissem.

— Pode deixar, Jess, eu vou sozinho.

— Nem pensar! — se levantou do pequeno sofá e segurou o braço dele — Estamos juntos nisso.

Balançou a cabeça com desânimo. Sabia que seria inútil tentar se livrar dela.

O Dr. Mallman era um homem de cabelos grisalhos e sorriso confiante. Depois de umas rápidas perguntas e alguns exames superficiais, sentenciou:

— Vamos ter que fazer uns exames mais precisos, Mr. O'Brien. Vou pedir uma internação para que possamos realizá-los todos de uma só vez. Você… Posso chamá-lo assim, não posso?

O médico tentou descontrai-lo pois seu paciente estava visivelmente nervoso e não parava de enfiar as mãos nos cabelos, concordando com um sorriso amarelo.

— Então, — continuou o médico — você vem para a clínica e fica confortavelmente instalado. Prepara-se para a bateria de exames que teremos que fazer para que eu possa dar um diagnóstico preciso. Mas não se preocupe. Tudo vai correr bem. Enquanto isso, vou lhe prescrever uma medicação caso as crises voltem antes que tenhamos condições de saber qual o melhor caminho para nos livrarmos definitivamente delas.

— O que acha que pode estar causando essas dores, doutor? — Jessica queria que ele adiantasse alguma coisa. Sabia que Dylan detestava suspenses e aquela situação poderia deixá-lo ainda mais irritado.

— É cedo para dizer, Mrs. O'Brien. Vamos esperar o resultado dos exames primeiro.

E se virando para o paciente, perguntou:

— Posso esperá-lo na segunda, Dylan?

— Claro, Dr. Mallman — foi Jessica quem respondeu — Vamos estar aqui.

Também foi ela quem pegou a receita das mãos do médico e se apressou em despedir-se.

Ainda calado, sentado sobre a cama de exames, cabeça baixa e mãos entre os cabelos, Dylan pressentia que as coisas não estavam nada boas, apesar de todos aqueles sorrisos confiantes do médico.

Percebendo a inquietação dele, Jessica quis tirá-lo logo dali. Precisavam conversar e encontrar um modo de animá-lo. E o mais importante: convencê-lo a fazer os exames.

— Não insiste, Jessica! Não vou fazer porcaria de exame nenhum — Dylan explodiu, para em seguida respirar fundo a fim de parecer mais tranquilo e seguro, completando: — Você queria que eu fosse ao tal médico, eu fui. Chega! Ele não passou remédios para dor? Então, se doer de novo, eu tomo e pronto.

Deu-lhe as costas caminhando em direção ao charmoso barzinho feito de tijolos de vidro que ele tinha em um dos cantos da sala. Precisava de uma bebida.

— Mas não adianta só tomar o remédio, Dylan. Pode passar a dor, mas não vai resolver o problema. Temos que descobrir o motivo e tratá-lo.

— Acho melhor você ir. Vai perder o avião — ele tinha encerrado o assunto. Sinal que sequer consideraria seus argumentos.

— Eu vou porque preciso, mas volto no domingo. Quero estar aqui na segunda e poder acompanhar você — pegou a bolsa e a pequena valise que estava sobre o sofá que ela mesma tinha comprado para sua casa nova, cheia de planos, há quase três anos atrás.

— Não perca seu tempo. Sabe que eu não estarei aqui. Embarco na sexta para o Brasil. Já está tudo certo. E a Lú está me esperando.

— Não pode adiar essa viagem? Fazer os exames primeiro? O Brasil ainda estará lá quando terminar — ela recolocou a bolsa no sofá e foi se debruçar no espesso balcão de vidro bisotado. — Dylan, escuta… Eu sei que está preocupado com o rapaz. Mas ele já está com a família dele. É problema deles agora. Não entendo como pode se importar mais com os outros do que com você mesmo!

Ele sorriu tentando parecer tranquilo. Precisava que ela acreditasse que estava bem e que sabia o que estava fazendo. Deixou o copo sobre o balcão e passou os dedos pelo rosto dela.

— Jess, eu agradeço sua preocupação. E acredite, eu estou bem. Essa viagem é mais importante para mim do que qualquer exame inútil. Olha, tudo isso deve ser cansaço. Sabe há quanto tempo eu não tiro umas férias? Levo aquela empresa nas costas. Você sabe como eu trabalhei duro para que tudo desse certo lá em São Francisco. Está na hora da MGT aprender a andar sem mim. E sei que se acontecer alguma coisa, você pode se virar sozinha — riu, e continuou — e na pior das hipóteses, você pode recorrer ao *Big Boss*.

— Nem em sonhos! — jogou a cabeça para trás ofendida por ele ter duvidado de sua capacidade de administrar os dois escritórios ao mesmo tempo. Se Dylan podia fazer isso, ela também.

— Nem que eu tenha que dormir em São Francisco e acordar aqui, não vou pedir arrego ao Carl.

— Calma! Não vai ser preciso, Jess. Paul está pronto para me substituir. Vai cuidar de tudo por aqui. Só precisa se manter informada.

Depois de mais um gole, Dylan olhou bem nos olhos dela e insistiu:

— Você vai ver como eu vou voltar de lá novinho em folha. E juro para você que se eu sentir mais alguma coisa, uma dorzinha que seja, eu faço esses benditos exames. Está bom assim?

Jessica ficou calada olhando para ele enquanto via aquele sorriso maroto convencer-lhe mais uma vez. Mas o que ela podia fazer? Não podia sair por aí o puxando pelas mãos como se faz com uma criança, embora fosse essa sua vontade. "Ah, Dylan, eu ainda amo você! E se nós tivéssemos tido aquele bebê, você não escaparia de mim assim!"

— E quando você volta? — perguntou sabendo que seria inútil tentar fazê-lo mudar de ideia.

— Depois do carnaval — ele tomou um bom gole de *whisky* —, em fevereiro. Eu acho.

— Mas é muito tempo. Quase três meses!

— É. Estou precisando de longas férias — ele soltou uma gargalhada.

— Vai me telefonar pelo menos?

— Vou, prometo.

Dessa vez, foi ela quem se aproximou e lhe alisou os cabelos.

— Dylan, se cuida, por favor. Você anda bebendo demais. Fumando demais. Aproveite então essas férias nos trópicos para cuidar melhor de você. Vou ficar mais tranquila porque estará na casa da Analú. Vai ter alguém para te pôr na linha. E não vá transformar a casa dela na bagunça que é isso aqui.

— Está bem. Eu vou me comportar — ele riu —, nada de roupas espalhadas, toalhas sobre a cama… Pode deixar. Eu conheço bem essa ladainha.

Jessica soltou um longo suspiro ao perceber que seus argumentos tinham acabado, lhe deu as costas e foi apanhar a bolsa novamente. Sabia que se ficasse ali, olhando para ele, imploraria para não fosse ou, no mínimo, para que a levasse também. O que sabia, seria inútil.

— Quer que eu vá com você até o aeroporto? — perguntou sem suspeitar dos pensamentos dela.

— Chamei um táxi e já deve estar chegando.

Dylan a acompanhou até a porta e se despediu com um longo beijo, como sempre fazia, mesmo depois que eles haviam se separado. Se ele soubesse o quanto aquelas despedidas eram dolorosas para ela, com certeza, não a beijaria mais. Mas Dylan achava que a amizade que existia entre os dois lhes permitia toda aquela intimidade. E que o tempo que resolveram morar juntos tinha sido um engano já superado.

Caminhou até o elevador sem olhar para trás, enquanto ele gritava da porta com aquele seu jeito moleque:

— Pode deixar… Eu vou ligar… Não vou beber… Não vou fumar… Não vou falar com estranhos… Vou escovar os dentes… Lavar as mãos antes de comer… — se acabando de rir de si mesmo.

Mesmo quando o elevador começou a fechar as portas, ela ainda conseguia ouvir ele gritar e rir:

— Vou escrever minha cartinha para o papai Noel…

"Dylan, Dylan, você nunca vai crescer? Não cresça. Amo você assim mesmo!"

Depois que o elevador desceu, ele fechou a porta e se jogou sobre o sofá. Agora que estava sozinho, podia tentar organizar seus pensamentos. Estava angustiado e desconfiado de que o Dr Mallman soubesse mais do que quis dizer. Ele podia até ser bobo, mas não era burro. Nenhum diagnóstico? Por mais superficial que fosse? Não. Aquilo não era nada bom. Talvez fosse

melhor mesmo adiar a viagem. Uma semana não atrapalharia seus planos. Havia demorado tanto para tomar essa decisão que, agora que já havia se decidido, iria ao Brasil de qualquer jeito. Em dois dias, duas semanas, não importava. Por outro lado, se as coisas fossem assim tão ruins, talvez devesse ir logo enquanto ainda podia.

— Não. Eu não tenho nada! — dizia em pensamentos para si mesmo — Eu não vou desistir logo agora. Não depois de tudo o que eu passei. Não é justo!

E foi o próprio Dylan quem respondeu:

— Mas quem disse que a vida é justa?!

Fechou os olhos e tentou se lembrar de coisas que passou os últimos quatorze anos tentando esquecer. Lembrar-se de um tempo e de alguém que não existia mais. Onde estaria aquele rapaz que não tinha medo de nada? Que tinha tudo sob controle? Para quem nada era impossível e tinha uma vida toda pela frente? Era verdade. Aquele rapaz estava morto. E junto com ele, morreram também os sonhos e as esperanças. O que havia sobrado era uma sombra. Uma cópia mal-acabada de si mesmo. "*Where are you, Dill?*" Dill estava morto! Enterrado em uma cova comum em um cemitério do subúrbio carioca junto com tantos outros: Ditinho, Pavão, seu irmão Edson, seu pai e sua mãe. Não havia sobrado ninguém.

A sorte, que tinha sido sua parceira constante durante toda a sua vida, cobrava caro, muito caro, cada um de seus favores. E com certeza, esses últimos anos de paz e certa tranquilidade não sairiam de graça. O que sua fada madrinha, a Dona Sorte, lhe cobraria dessa vez? Agora que ele tinha tropeçado em seu passado, encontrado uma ponta desse emaranhado de fios, estaria a Dona Sorte lhe dando uma chance de se reencontrar com a sua vida?

Quem poderia imaginar que depois de tanto tempo, no meio daquela cidade imensa, há milhares de quilômetros longe do Rio de Janeiro ele encontraria aquele rapaz? E naquelas circunstâncias? Nunca um palavrão lhe pareceu tão agradável aos seus ouvidos. Um palavrão em português. Um "puta merda", seu palavrão preferido, com todos os seus efes e erres. E carregado daquele sotaque tão familiar!

Por alguns instantes, estava novamente no meio do campinho de terra xingando o colega que tinha deixado a bola passar. Naquele tempo, o Vila Verde ainda era um lugar tranquilo onde se podia brincar de pique-esconde à

noite por entre aqueles becos e terrenos baldios. "Ah, Vila Verde, minha casa!". Mesmo em meio a todas as dificuldades, ele havia sido uma criança feliz ali. Havia crescido sem mãe. Era muito pequeno quando ela morreu vítima de uma pneumonia. O pai vivia fora trabalhando para criar os dois filhos. Na maioria das vezes, quando o pai voltava do restaurante onde era garçom, os meninos já estavam dormindo. Mas nunca lhe faltou carinho. Tinha sempre uma "tia" que aparecia com um pedaço de broa ou um prato com bolinhos de chuva. Nos dias mais frios, um mingau de fubá doce ou de amido de milho com canela. "Ah, há quanto tempo eu não como nada disso!" Depois que seu pai e se irmão também se foram, seus vizinhos e seus amigos se tornaram a sua família.

Ele não se lembrava de mais nada disso ou fazia um esforço enorme para acreditar que sim. Afinal, aquela vida não lhe pertencia mais. Dylan O'Brien era apenas um cidadão acima de qualquer suspeita nascido no interior de Iowa e criado pelos avós. Formado em Antropologia, foi com um grupo de estudantes passar uns meses entre uma comunidade indígena no norte do Brasil, sonhando com sua tese de doutorado. Mas o rapaz se apaixonou pela natureza exuberante da floresta tropical, por sua gente, e decidiu ficar quando os outros se foram. Antes tivesse voltado. Assim não teria se envolvido com os problemas daquela tribo e passado a lutar pelos interesses daquela gente, fazendo inimigos entre os garimpeiros e grileiros de terras.

Mas, quem diria que ele chegaria tão longe? Que de volta ao seu país, se tornaria um bem-sucedido executivo em Manhattan. Com certeza, o verdadeiro Dylan não. Ele saiu de casa atrás de aventuras e o único lugar que essas aventuras o levaram foi ao encontro de um cansado aventureiro disposto a pôr um fim nas suas. O encontro perfeito que só o destino poderia ter planejado. O Senhor Destino e a Dona Sorte também.

E depois de todas as reviravoltas que a sua vida havia dado, ele estava farto da intromissão daquele casal de conspiradores. Porém, o destino e a sorte não haviam desistido dele ainda. E naquela noite, como em tantas outras que ele subia a pé a *Second Avenue* em direção a Yorkville, depois de alguns *drinks* no Sam, ele se viu novamente frente a frente com as reminiscências de seu passado.

Pouco antes de chegar na esquina, em um beco, lá estava o rapaz socando a parede com raiva e gritando a plenos pulmões:

— Puta merda!

Dylan pensou em atravessar a rua e não cruzar com ele. Sempre procurou ficar afastado de qualquer brasileiro que eventualmente encontrava. Tinha um grande medo de se trair. De que alguém o reconhecesse. De deixar escapar uma palavra ou uma gíria que às vezes tentava escapulir de sua boca. Não era fácil não pensar em português e estar sempre procurando se portar como um estadunidense. Os primeiros anos em Nova Iorque tinham sido exaustivos até se adaptar ao modo de vida norte-americano para que pusesse tudo a perder em um encontro banal. E ele já estava quase no meio da rua quando ouvi o rapaz gritar novamente, agora em meio a uma crise de choro:

— Eu quero voltar pra casa!

Olhou para trás e o viu escorregar de costas contra a parede até se deixar cair pesadamente sentado no chão. Coincidência ou não, eles desejavam a mesma coisa. E talvez para aquele garoto ainda houvesse uma chance.

— Você está bem?

Mas o rapaz, que não deveria ter mais do que uns vinte e cinco anos, não parava de chorar. Era um choro convulsivo, desesperado, de quem já tinha perdido todas as esperanças. Não havia dúvidas: ele estava totalmente fora de si.

Dylan se abaixou e o rapaz finalmente percebeu que tinha companhia. Passou as mãos no rosto apressado tentando esconder as lágrimas e perguntou irritado:

— O que você quer? Me deixa em paz, *porra*!

— Eu só quero te ajudar!

O rapaz empurrou com violência a mão que lhe estendia.

— Tudo bem — Dylan se levantou já arrependido de ter se intrometido. Ele sabia como histórias iguais àquela terminavam e onde suas intromissões o levavam. E a última coisa que ele queria era problema.

— Então você fala português — aquele sotaque não deixava dúvidas, um carioca — Até que enfim alguém na *porra* dessa cidade que fala minha língua!

Ele abaixou a guarda e Dylan se virou, novamente lhe estendendo a mão para que se levantasse. O rapaz aceitou.

— Está sozinho aqui, garoto?

— Tô. Sozinho… Sem dinheiro… Sem nada… *Fudido*… — e pareceu que ele voltaria a chorar.

O rapaz rescendia a álcool e a suor. E depois de olhá-lo por um ângulo melhor, aproveitando a luz do poste da esquina, foi fácil notar suas pupilas dilatadas. Não tinha sido só a bebida que o deixou naquele estado. A perigosa mistura de álcool e cocaína.

Dylan não deu ouvidos à sua razão que dizia para levá-lo a um hospital ou a um abrigo, ou simplesmente, lhe dar algum dinheiro para que o rapaz pudesse encontrar um lugar para comer e passar a noite. A mesma razão que afirmava que esse voltaria a se drogar na primeira oportunidade. Era mais um caso perdido.

— Vem — enfiou a mão por debaixo de seu braço. O rapaz mal parava de pé —, eu moro aqui perto. Lá você pode tomar um banho e comer alguma coisa. Qual o seu nome?

— Alexandre.

Aquilo só podia ser mais uma brincadeira do Senhor Destino e da Dona Sorte. E eles têm um péssimo senso de humor!

Depois de lavar-se e comer como um animalzinho faminto, Alexandre já parecia outra pessoa e tentou puxar uma conversa amigável com seu "bom samaritano" que o olhava sentado do outro lado da ilha do meio da cozinha, tentando encontrar boas razões para se convencer de que tinha feito a coisa certa. De qualquer modo, já era tarde para arrependimentos. O rapaz estava ali na sua casa e bastante curioso.

— Também é brasileiro? — perguntou ao acabar de beber seu refrigerante.

— *No* — respondeu secamente em inglês se levantando e levando a louça para a pia.

Mas fala bem o português. Já morou no Brasil?

— *No. Only at holydays. Carnaval.*

— Estranho… Podia jurar que falou comigo em claro e bom português — abaixando a cabeça envergonhado, completou:

— Eu devia estar muito doidão mesmo!

— *You want to sleep now? Come on.*

Alexandre o seguiu até o quarto que seu calado anfitrião lhe indicou. Agradeceu mais uma vez tudo o que ele estava fazendo, tentando se esmerar

em seu inglês e foi dormir. O rapaz estava muito cansado. Há muito não tinha uma cama de verdade para dormir. Nas últimas semanas, passava as noites no metrô entrando e saindo dos vagões na esperança de encontrar um passageiro sonolento ou distraído. Assim era mais fácil conseguir algum dinheiro ou algo que pudesse lhe render alguns trocados. Quando não, pelo menos, ele tinha um teto e um banco para um bom cochilo. Acreditava que era muito mais seguro do que passar as noites na rua, mesmo que, algumas vezes, fosse ele o passageiro sonolento e distraído.

Dylan também foi se deitar. Mas não conseguiu pregar os olhos. Todos os seus fantasmas resolveram passar a noite ali com ele. Aquilo era um pesadelo, ou no mínimo, uma piada de muito mau gosto. "Alexandre, isso é coisa sua, cara! Em que outra confusão vai me meter agora?".

Amanheceu e Dylan saiu da cama. Não tinha pregado os olhos até àquela hora e, certamente, não conseguiria mais dormir. E em poucas horas, ele tinha que estar no escritório para uma reunião com Carl, logo cedo. Precisava melhorar a aparência. Fez um café. E foi até a sala com a caneca nas mãos. Enquanto sorvia o líquido quente, olhava pela janela o sol tímido nascer e se perguntava:

— O que eu vou fazer com esse garoto?

Ele já estava pronto para sair, mas seu hóspede ainda dormia. Não tinha escolha, teria que acordá-lo.

— *Listen* — e o rapaz acordou assustado com aquela mão que o sacudia. Na certa, nem mais se lembrava de onde estava ou do que tinha acontecido na noite passada.

Dylan procurou falar devagar para que ele pudesse compreendê-lo. O inglês dele estava longe de ser perfeito.

— Eu estou saindo. Vou para o trabalho. Você fica aqui. Tem comida na geladeira e refrigerante. Quando eu voltar, pensaremos na melhor maneira de te ajudar.

Alexandre esfregava os olhos tentando acordar e compreender o que ele estava dizendo.

— *Do you understand?*

— *Yes, I' ll stay here. No problems.*

— *Good. See you later!*

E antes de deixar o quarto, parou, olhou bem para o garoto, que já se preparava para voltar a dormir novamente sob as cobertas, e sentenciou:

— Ah! Só mais uma coisa: fique longe do meu bar! — e saiu.

Seu dia foi tão cheio que mal teve tempo de pensar no que faria com aquele rapaz. Tinha um grande problema nas mãos. Pensou em ligar para a família dele para que viessem buscá-lo. Ou, talvez, fosse melhor ele mesmo colocá-lo num avião de volta o mais rápido possível.

Quando chegou em casa, tudo parecia calmo. Olhou para o bar, seu orgulho e xodó, e ele parecia intacto. Foi até o quarto e Alexandre não estava lá. Se encaminhou então à cozinha e quando se aproximou da porta, o ouviu dizer:

— Não, mãe! Eu já disse. Tá tudo bem aqui. É… Não deu pra ligar antes. Muito trabalho… Tô… Tô… Pode deixar. Ah! Diz pra Analú que eu tô morando num apê que dá de dez no dela. É… Pra ela deixar de ser metida. Eu preciso desligar. É… Ligação internacional fica caro. Não se preocupa, mãe. Eu ligo pra senhora de novo assim que der. Também te amo, mãe. Tchau!

Alexandre se assustou e ficou muito sem graça quando viu Dylan parado na porta.

— *Sorry* — e colocou o telefone sem fio sobre a mesa — Mas é que fazia muito tempo que eu não ligava para minha mãe e ela estava muito preocupada. Precisava dizer que eu estava bem — tentou responder em inglês.

Dylan não disse nada. Não tinha a mínima vontade de começar uma longa e inútil lição de moral. Ao menos, o rapaz se preocupava com os sentimentos da mãe, o que já era um bom sinal. A única coisa que realmente o incomodava foi Alexandre ter feito aquele comentário sobre seu apartamento. "Será que ele está pensando que vai ficar aqui?".

Foi até a geladeira, pegou uma garrafa d'água e a bebeu no gargalo. Alexandre riu e fez um comentário achando que o outro não entenderia:

— Se eu fizer isso lá em casa, minha mãe me mata!

Dylan riu. Jessica também ficava possessa.

— Você entende bem o que eu falo, não é? — o rapaz perguntou curioso.

— Está com fome? Já comeu? — fingiu não compreender e continuou a falar em inglês.

— Se prefere assim — viu que, ou ele não tinha entendido, ou não queria conversa.

Foi quando olhou bem para o rapaz e reconheceu as roupas que ele estava usando. "Puta merda! Esse garoto é muito folgado. Meu moletom!"

— Não foi só no meu telefone que mexeu, não é? — disse apontando para a roupa.

— Desculpa — disse sem graça para depois completar — mas eu não podia ficar andando de cuecas por aí. Uma senhora apareceu aqui. Acho que sua faxineira. Foi ela quem me deu essas roupas e disse que eu poderia vestir que não se importaria. Ela é bem legal. Até lavou as minhas roupas.

"Maggie! Eu me esqueci de que ela viria aqui hoje. Mas tinha que ser logo meu moletom preto? Maggie está ficando muito abusada!"

— Conversaram muito? — Dylan sabia o quanto a mulher, que mantinha sua casa limpa e arrumada, era tagarela.

— Muito — e com um risinho, Alexandre completou —, ela me tirou um grande peso.

— Peso?!

O rapaz pareceu indeciso. Não sabia se devia ter tocado naquele assunto. Mas a diarista havia lhe dito que seu patrão era uma ótima pessoa, atencioso e sempre muito bem-humorado. Na certa, não se aborreceria e levaria na esportiva.

— Não leva a mal, não, cara. Mas eu cheguei a pensar que você fosse gay. Quem além de uma bicha louca, colocaria um cara que nunca viu antes dentro de casa?

Dylan olhou sério para ele antes de responder:

— *A fool!* — e não conseguiu mais segurar o riso. Com isso, Alexandre começou a rir também. Tudo levava a crer que eles se entenderiam.

Conversaram até tarde aquela noite. Alexandre contou toda a sua desastrosa aventura na América. Ele era mais um desses garotos que vinham para os Estados Unidos dizendo para a família que iriam estudar, "aperfeiçoar o inglês". Mas quando chegam, se deslumbram com toda sorte de facilidades e prazeres baratos. Nova Iorque é uma grande e perigosa armadilha para esses rapazinhos que saem de casa com pouca coisa na cabeça. É a cidade das oportunidades. Oportunidade de vencer ou de ser derrotado. Ludibriado por falsas promessas de sucesso. Infelizmente, a segunda hipótese é a que mais

ocorre. E muitas vezes a derrocada é tão violenta que eles não têm nem mais como voltar ou pra quem pedir ajuda. Esse era o caso de Alexandre. Não havia feito nenhum dos cursos que tinha se proposto, não tinha emprego, dinheiro ou onde ficar e, nas últimas semanas, nem mais como entrar em contato com a família no Brasil.

Parte de seus pertences, ele havia trocado por bebidas e drogas. A outra, perdido para os ladrões mais espertos do que ele no metrô. Tinha se tornado um andarilho, um mendigo. Porém, o maior medo de Alexandre era que a imigração colocasse as mãos nele e o deportasse. Era um imigrante ilegal, pois seu visto de estudante já tinha expirado há meses.

— Se meus pais sabem disso, me matam! — essa parecia ser a única preocupação dele.

— São seus pais! Aposto que eles só querem que volte para casa são e salvo. Não pode continuar nessa vida. Uma hora você desce na estação errada e pode morrer por causa de um par de tênis.

E como era de se esperar, Dylan ficou penalizado com a situação dele. Aquele garoto tinha feito muitas besteiras, mas não queria voltar para casa derrotado, com as mãos abanando e o rabo entre as pernas. Sabia que se isso acontecesse, seu pai o obrigaria a trabalhar na oficina de carros que tinha. E passar o resto da vida dentro de um macacão sujo de graxa, era para ele pior do que a morte.

— Você pode me ajudar? Me arrumar um emprego… Sei lá…

Dylan ficou calado. Ele precisava pensar. Se fizesse isso teria que ficar com Alexandre por mais algum tempo até que ele pudesse se manter sozinho, arrumar um lugar para ficar e ajeitar sua vida por conta própria. Mas esse não era o único problema. Aquele garoto era um viciado. Mais cedo ou mais tarde, se drogaria de novo e todo seu esforço para ajudá-lo teria sido em vão.

— E quando pretende se drogar de novo?

O sorriso que há muito tempo não saia do rosto de Alexandre desapareceu.

— Não! Eu não vou fazer mais isso. Eu juro!

Se Alexandre soubesse quantas e quantas vezes ele já tinha ouvido aquele juramento saberia que aquelas palavras não bastavam. E que apenas jurar ou querer cumprir a promessa não eram suficientes para mantê-lo longe da cocaína. Esse era um caminho que, para a maioria, não tinha volta.

Talvez Dylan acreditasse que tinha uma dívida com todos esses garotos e garotas que não sabiam como sair desse abismo. Alguém que ele conheceu há muito tempo, tinha contribuído, e muito, para que a cada dia essa droga chegasse mais facilmente às mãos deles. O que via como um excitante desafio, uma luta contra o tempo, os revés e dificuldades de se manter um negócio como aquele era, ao mesmo tempo, a ruína de muita gente. A cada obstáculo que vencia mais pessoas sentenciava ao inferno. Naquela época, ele não pensava assim. A única coisa que desejava era ter a aprovação e o reconhecimento daquele que o tratava como a um filho. E os bons filhos nunca decepcionam seus pais.

Dill levou muito tempo para entender que os bons pais também não têm o direito de se apoderar da vida de seus filhos e de dominá-los como se lhes possuísse a alma. Os bons pais dão liberdade para que eles escolham o tipo de vida que querem levar mesmo que essa escolha não os agrade. Talvez Nicola nunca tenha sido realmente um pai para ele. O Italiano era só um patrão. Alguém que esperava que ele lhe tivesse gratidão e obediência. Mas Dill nunca pensou assim. Amava e respeitava aquele homem como a um pai. Até que chegou uma hora que não teve outra escolha a não ser lhe virar as costas e não olhar para trás. Não foi fácil. A liberdade que conquistou sempre trouxe junto com ela o gosto amargo da ingratidão e da traição que cometeu. "Mas ninguém havia dito que seria fácil, não é?"

E por esse motivo que, talvez, Dylan tenha concordado em arrumar-lhe um emprego e deixá-lo ficar.

— Não espere grande coisa, Alexandre. Você está aqui ilegalmente. Mas vou ver o que posso conseguir.

— Pô, cara! Você é muito legal! Bem que a Maggie falou — Alexandre se aproximou na tentativa de lhe dar um abraço para agradecer por tanta generosidade, mas ele lhe deu as costas e saiu.

Trancado em seu quarto, ele chorou. Chorou como há muito tempo não chorava. Nem quando Jessica perdeu o bebê ele havia se sentido assim. Tão derrotado e sozinho. A presença daquele garoto e a cada vez que dizia seu nome o deixava profundamente angustiado. Alexandre trouxe de volta todas as suas lembranças e elas ainda doíam muito. Uma saudade sufocante do que foi e de tudo o que viveu o invadiu como se rasgasse sua pele e se alojasse em seus ossos. Ele havia perdido tudo. Tiraram-lhe tudo. Seu nome, seus amigos

e seu país sem seu consentimento. Perdeu a única mulher que amou e a chance de ver seu filho crescer. Foi obrigado a abrir mão de seus sonhos e de trair quem sempre lhe ajudou. E para quê? Talvez fosse melhor que estivesse mesmo morto. A vida que vinha levando não o preenchia. Havia sempre uma sensação de vazio que nada e nem ninguém conseguia pôr fim. Aquela vida não era dele. Era de um infeliz que, por sorte ou destino, havia cruzado o seu caminho. "Um morto-vivo no lugar de um vivo morto".

Dylan passou a noite lutando contra si mesmo. Aquela situação tinha despertado nele uma avalanche de sentimentos com os quais não estava sabendo lidar. Suas lembranças o estavam consumindo e o desesperando. "Por quê?! Estava indo tudo tão bem!". Chegou à dolorosa conclusão de que nada, nunca esteve bem. Que ele havia passado esses anos todos não só enganando as outras pessoas, mas iludindo a si mesmo. Sua vida era uma grande farsa. Ele não era Dylan O'Brian como dizia seus documentos, embora a foto neles agora fosse a sua. Ele não nasceu em Iowa e nem sequer já tinha ido até lá. Não sabia quem foram seus amigos de infância, sua primeira professora ou a primeira namorada. Quando olhava para trás, era o Vila Verde que ele via. O grupo escolar e as peladas no campinho de terra. Aquelas lembranças não eram do Dylan. Eram do Edimar, o Dill. E ele estava vivo. E queria seu corpo, suas lembranças e sua vida de volta.

Nos dias que se seguiram, Dylan só voltava para casa às altas horas da madrugada totalmente bêbado. Não queria ter que cruzar com Alexandre que, por incrível que pareça, estava se comportando muito bem à espera do emprego que ele prometeu. Muitas vezes, teve vontade de acordar o rapaz no meio da madrugada e pô-lo na porta afora. Acreditava que era a presença dele que o deixava assim: insatisfeito e inconformado. E que se livrando dele, tudo estaria resolvido e voltaria ao normal. De volta a sua vidinha boa e confortável.

"Alexandre! Dentre todos os malditos nomes do mundo, ele tinha que se chamar Alexandre!"

Era a primeira crise de identidade que tinha em todos esses anos. Estava confuso e irritado. Não era justo que depois de tanto trabalho, aquele rapaz aparecesse e pusesse tudo a perder. Quanto mais tentava sufocar as lembranças, tentando não pensar no que poderia ter sido se tivesse ficado e

enfrentado a tudo e a todos. A voz do Dill gritava dentro dele: "Eu quero sair!".

Em um sábado, pela manhã, Alexandre o encontrou dormindo na sala. Jogado sobre o sofá ainda de sapatos, terno e gravata. Do mesmo modo que havia saído para trabalhar no dia anterior. Nem o seu casaco ele havia tirado.

— *Hey, Dylan? Are you okay*? — Alexandre estava preocupado.

Dylan balbuciou alguma coisa e pôde constatar que estava mesmo bêbado. Alexandre foi até a cozinha e fez a única coisa que sabia além de macarrão instantâneo: café. E voltou para a sala com uma caneca na tentativa de acordá-lo.

— Toma isso aqui, cara! Você vai melhorar!

Ele abriu os olhos e com um sorriso misto de ironia e tristeza disse:

— Alexandre, Alexandre… Por que resolveu vir me assombrar logo agora?

O rapaz estranhou. "Do que esse cara tá falando?" Mas sua estranheza foi ainda maior quando se deu conta de que ele havia dito aquilo em bom e claro português.

Já sentado no sofá, com a ajuda do rapaz, Dylan bebeu toda a caneca de café. Quando terminou, o rapaz o puxou pelas mãos:

— Vem, cara. Hoje é o meu dia de te enfiar na água fria — riu se lembrando do banho gelado que Dylan o fez tomar quando chegou naquela noite.

Com o homem já debaixo do chuveiro, Alexandre começou a falar. Tinha alguma coisa errada com aquele cara. E ele estava louco para descobrir.

— Sabe, Dylan, sei que você fala português tão bem quanto eu. Mal dá pra perceber seu sotaque. Só não entendo o porquê quer esconder isso. Tá sendo tão legal comigo! Por que tanto mistério? — perguntou encostado na bancada de granito ao lado do box.

Depois de algum tempo em silêncio, Dylan respondeu:

— Tá certo. *You won! I speak portuguese*. Mas você não veio para cá aprimorar seu inglês? Então? Tô ajudando! — e riu.

— Só por isso?! — não estava satisfeito com a tosca explicação.

— Não! Claro que não. E estou disfarçado numa missão — e mexendo somente os lábios, revelou: *CIA* — e soltou outra gargalhada.

— Não brinca. Acha que eu sou bobo?!

Dylan fechou a água e Alexandre lhe jogou a toalha por cima da porta do box. Quando ele saiu enrolado nela, olhou seriamente para o rapaz e disse:

— Está bem, Alexandre. Já morei algum tempo no Brasil, sim. Há muitos anos. Mas não gosto de me lembrar disso. Foram tempos difíceis. Está vendo minha perna? — Ele lhe mostrou a enorme cicatriz de aproximadamente vinte centímetros que afundava na carne junto ao osso em sua coxa como se grande parte da carne tivesse se perdido — lembranças do seu país.

Alexandre sentiu certo asco com tal visão. E ficou imaginando o que teria acontecido para que o outro tivesse ficado com a perna daquele jeito. Ele já tinha notado que Dylan mancava levemente da perna direita, mas nem lhe passou pela cabeça que o motivo fosse aquele. E evitando olhá-la novamente, levantou os olhos. Foi só quando percebeu que aquela não era a única marca que Dylan trazia no corpo. Havia outra. Felizmente não tão horrorosas quando a da perna. Na altura da cintura parecendo de um profundo corte.

— O que aconteceu? Acidente?

— Acidente de caça — o homem brincou se enrolando na toalha.

— Caça? Safári? Essas coisas?

— Não. Foi no Pará. Vivi por algum tempo em uma tribo indígena. Sou antropólogo de formação.

Dylan achou melhor sustentar a mentira que contava a todos desde que chegou aos Estados Unidos.

— Tentei ajudá-los, mas os garimpeiros não apreciaram muito.

Assombrado com a revelação, o rapaz perguntou:

— Tentaram te matar?!

— Agora já sabe o que queria. Vamos esquecer esse assunto, certo? É pegar ou largar — Dylan o olhava pelo espelho enquanto secava os cabelos com a toalha.

— Eu não tenho muita escolha, não é? Mas eu entendo. Não vou mais te encher o saco com esse assunto. Deve ser mesmo *foda* se lembrar dessas coisas — e, sinceramente penalizado, perguntou:

— Doí? Essa sua perna ficou bem feia.

— Não se preocupe com isso, garoto. A gente se acostuma. Devo agradecer por não a ter perdido e por ainda estar aqui para te contar essas coisas.

Jogou a toalha molhada em cima do rapaz e completou sorrindo:

— A propósito, te arrumei um emprego — disse já enfiado num confortável roupão atoalhado — Já trabalhou em um bar antes?

— Num bar?! Beleza! Um lugar cheio de mulher! — os olhos de Alexandre brilhavam.

— Não é bem assim — riu da inocência do outro — mas tem seu lado bom. Vou estar lá todas as noites para te trazer de volta para casa. E não pense que trabalhar num bar é sinônimo de cair na gandaia. O trabalho é duro e o dinheiro não é muito. Mas o horário é bom: das cinco às… Bem, até eu decidir vir embora — e riu novamente.

E vendo o desapontamento estampado no rosto do rapaz, continuou:

— Um amigo está me fazendo esse favor. E está se arriscando também. O bar nem é dele. Mas quer te ajudar mesmo assim. Então, Alexandre, aproveite a oportunidade e não faz nenhuma besteira. Se sair da linha, ele não vai hesitar em te entregar para a imigração. Trabalhe direito e quem sabe você não consegue um visto de permanência?

— Pô, Dylan, nem sei como te agradecer! — o garoto reavaliou sua situação e ficou realmente emocionado.

— Me agradeça trabalhando. Dê a volta por cima. E antes de tudo, fique longe de confusão!

Alexandre começou a trabalhar no bar do Sam naquela mesma noite. E todos os dias, Dylan passava por lá depois do trabalho, como já era seu costume, e os dois vinham caminhando juntos de volta para casa. Nessas caminhadas, eles sempre conversavam sobre vários assuntos, mas toda vez que Alexandre tentava arrancar algo mais pessoal, Dylan escorregava como areia por entre os dedos. Com o tempo, o rapaz desistiu de fazer esse tipo de pergunta. Afinal, aquele cara cheio de segredos tinha sido mais seu amigo do que qualquer outro que já imaginou ter tido. Ele já tinha dado provas suficientes de que era um bom homem. Que mal havia em ele não querer falar sobre o seu passado? Alexandre mesmo queria poder esquecer muita coisa que havia feito.

Dylan acabava de chegar da casa de Paul, onde almoçava todos os domingos. Ele ainda mantinha a velha crença de que: "o almoço de domingo é sagrado e tem que ser com a família". E depois que Sean foi estudar em *Stanford,* a casa de Carl e Emma já não lhe trazia mais a sensação de estar em família.

Depois que aceitou o primeiro convite para um almoço na casa de um de seus subordinados, não sem antes relutar muito, não queria outra vida. Paul e Susan moravam no subúrbio. Numa casa com quintal onde se podia fazer um churrasco de hambúrguer e tomar uma cerveja gelada no verão. Dylan odiava as cervejas americanas assim como aquele falso churrasco de carne moída, mas era ali, com gente simples, que ele se sentia em casa. No início, era tratado como o chefe que vinha para almoçar, mas logo uma forte amizade se criou entre eles.

Paul era muito divertido quando estava fora da empresa. Um ótimo funcionário que, apesar de seu pouco tempo de contratação, já tinha demonstrado seu valor. Dylan confiava no grande futuro que ele teria lá dentro. Susan era uma moça simples e um pouco fechada, mas uma excelente cozinheira. O marido costumava confidenciar a Dylan que ela vivia triste por que estavam tentando, sem muito sucesso, terem um filho. E ele sabia muito bem o que a moça estava sentindo. Em uma de suas conversas, Paul deixou escapar que ela precisaria de um tratamento ou até de uma inseminação artificial, mas eles estavam começando a vida e não tinha condições de pensar em tal coisa no momento. Foi então que Dylan se ofereceu para custear o tratamento de Susan e o que mais eles precisassem para que conseguissem ter o bebê que ela tanto queria. Mas deixou bem claro que aquilo não sairia de graça. Queria em troca o seu lugar à mesa aos domingos e que eles não dissessem a ninguém que os estava ajudando. Não queria comentários maldosos no escritório e nem causar nenhum constrangimento à Susan. E que, se possível, nem mesmo ela ficasse sabendo.

Naquele domingo em especial, ele estava alegre e satisfeito. Susan e Paul estavam muito confiantes no tratamento que ela iniciara. Passava um pouco das quatro horas da tarde quando Dylan entrou em casa. Alexandre já tinha saído para o trabalho. De quinze em quinze dias, ele trabalhava também aos domingos. Foi direto para a estante, ligar sua aparelhagem de som e ouvir um pouco de música. E pensou consigo mesmo: "Coitados dos vizinhos! Ah,

foda-se! Eu estou alegre, tenho direito de ouvir o que eu quero na minha casa." Mas o que ele chamava de ouvir música, era fazer aquela sua potente aparelhagem de som tremer todo o apartamento. Adorava ficar no meio do cômodo, para onde se convergiam as caixas acústicas espalhadas estrategicamente pela sala e sentir seu corpo vibrar. Como se a música penetrasse por seus poros e tomasse conta de seu corpo. Porém, antes mesmo de escolher um CD, o telefone tocou. Dylan pensou em não atender. Certamente era Jessica e ele não estava nem um pouco a fim de ouvir aquela mesma história de sempre: "Você não me ligou! Fico preocupada, etc…" Porém, seu bom humor lhe dizia que não custava nada dar um pouco de atenção a ela. Jessica também estava muito longe de casa e deveria estar se sentindo sozinha, querendo alguém para conversar.

Assim que atendeu a ligação, uma voz de mulher falou do outro lado, mas não era Jessica.

— Alô, Alexandre?!

Dylan estremeceu. Aquela ligação devia ser do Brasil. De algum modo, ele se sentiu tão perto de casa novamente.

— Desculpe, mas o Alexandre não está aqui. Ele foi trabalhar — respondeu em inglês — é da família dele? Quer deixar algum recado?

— Meu nome é Ana Luíza. Sou irmã do Alexandre. E preciso falar com ele urgentemente. Diz para ele que se não me ligar dentro de vinte e quatro horas, eu vou pegar o primeiro avião para Nova Iorque e trago ele de volta nem que seja arrastado pelos cabelos — sua voz deixava nítido o seu nervosismo e irritação.

Dylan não estava entendendo nada apesar de o inglês dela ser muito melhor que o do irmão. E a mulher do outro lado da linha não parou de falar.

— Ele pode enganar minha mãe, mas não a mim. Não vou engolir essa história de que ele arrumou um bem feitor que lhe deu casa, comida… A troco de nada?! Ele está pensando que eu sou alguma idiota?! Que nasci ontem?! Ele foi para os Estados Unidos com dois amigos e os dois voltaram dizendo que não sabem do paradeiro dele. Tem alguma coisa errada acontecendo aí e eu vou descobrir. Nem que eu tenha que chamar a polícia, o FBI, a CIA, a Interpol!

— Calma! — Dylan a interrompeu. "Aquela mulher devia ser doida!" — Não tem nada de errado acontecendo aqui. Seu irmão está bem. Está trabalhando. Eu posso lhe garantir isso.

— E quem é você? — a tal Ana Luíza perguntou com desdém.

— Meu nome é Dylan O'Brien. Seu irmão está morando temporariamente em minha casa.

— Ah, então me diga: O que está querendo com meu irmão?

— Nada — respondeu sem entender onde ela pretendia chegar —, eu o estou ajudando, só isso.

— Olha, aqui seu… Dylan O'Brien… Você deve ser mais um desses americanos pervertidos. Mas não vai conseguir manter meu irmão aí, está me entendendo? Tenho seu telefone. Não vai ser difícil conseguir seu endereço e eu vou trazer meu irmão de volta.

Dylan ditou o endereço e, pelo silêncio do outro lado da linha, ela deveria estar realmente anotando. Assim que terminou, ele ainda disse:

— Traga seus pais também. Alexandre vai gostar de vê-los.

E antes que pudesse se despedir, a mulher desligou na cara dele. E com o fone ainda na mão, se deu conta da grande besteira que acabava de fazer. A mulher não parecia blefar e apareceria por ali com certeza. E se ela o reconhecesse? Eram cariocas. Alexandre havia dito que a irmã era jornalista e, mesmo que naquela época, ela, talvez, ainda estivesse na faculdade, poderia ter lido algo nos jornais. "Não! Ela não tem como saber. Nunca saiu uma foto minha nos jornais e, certamente, sequer uma nota no obituário". Pessoas como ele não aparecem nos jornais. Não precisava se preocupar a não ser com o fato de que ela achava que era homossexual. Dylan acabou rindo e disse para si mesmo: "Deve ser mal de família achar que todo mundo é viado". Entretanto, ele havia tido um domingo maravilhoso e não seria uma louca preconceituosa que acabaria com seu dia.

Quando Alexandre ficou sabendo do telefonema do Brasil, pareceu muito mais preocupado do que o próprio Dylan e se limitou a dizer entre os dentes: "Eu não vou voltar! Quem a Analú tá pensando que é?" E se trancou no quarto.

Exatos quinze dias após daquela ligação, Analú desembarcou no aeroporto Jonh F. Kennedy. Pegou um táxi para Manhattan só com um

endereço nas mãos. Se os taxistas nova-iorquinos fossem como os cariocas, passariam o dia todo dentro daquele carro dando voltas e mais voltas. Eles sabem farejar um turista.

Entretanto, seu maior temor era a possibilidade de que aquele americano pervertido tivesse lhe dado um endereço falso. "*East Upper Side*?! Como meu irmão conseguiu se misturar com essa gente? O que o Alê andou aprontando aqui, meu Deus?". Mas ela ainda tinha o número do telefone. Poderia confirmar o endereço em qualquer lista telefônica e em último caso, procurar a polícia ou o consulado.

Quando o táxi parou em frente ao nº 444 da East 86th *Street,* em Yorkville, Analú ficou ainda mais desconfiada. "Meu irmão não pode estar aqui. Olha o luxo dessa portaria! Oh, meu São Judas Tadeu! Isso tudo é ainda pior do que eu imaginava!"

O porteiro elegantemente uniformizado veio lhe ajudar com a mala assim que o taxista a colocou sobre a calçada e lhe fez um sinal.

— Mr. O'Brien mora mesmo nesse prédio? — ela lhe perguntou ainda desconfiada.

— Sim, senhora. Ele está à sua espera?

— Meu irmão mora com ele. Alexandre, o senhor conhece?

— Sim, senhora, o brasileiro — E continuou a carregar a pequena mala que Analú havia trazido — Mas eles não estão no momento. Terá que os esperar aqui no lobby.

O homem lhe apontou um grande balcão que ficava alguns degraus acima do que lhe pareceu uma grande sala de espera, cheia de plantas por todos os lados. E colocando sua mala ao lado de um pequeno sofá sumiu por uma porta lateral.

Ainda confusa com tudo aquilo, Analú subiu os degraus e se debruçou sobre o balcão chamando a atenção do homem que parecia distraído com o aparelho de tevê escondido entre tantos monitores e uma central telefônica.

— Por favor. Mr. O'Brien.

A contragosto, o homem pegou o fone sobre o balcão e o recolocou no ouvido. Apertou o nº 2204 e depois de alguns instantes, disse:

— Não há ninguém no apartamento de Mr. O'Brien. A senhora pode aguardá-lo ali, se preferir. — E apontou para o sofá onde ficou sua bagagem.

— Eu sou irmã do Alexandre. Passei mais de dez horas num avião e quase duas dentro de um táxi para chegar aqui. Não posso mesmo subir? Você tem não uma cópia da chave? Eles não o avisaram que eu viria? — Analú fingiu-se indignada.

Era óbvio que eles não avisaram nada. Nem ela mesma havia avisado de sua chegada. Mas estava cansada e decidiu tentar o bom e velho jeitinho brasileiro. Porém, o porteiro foi taxativo: ninguém sobe sem autorização do morador. "Que mania esses americanos têm de pensar que todo brasileiro é ladrão. Eu só quero subir e tomar um banho. Não vim roubar a prataria", pensou com desdém.

As horas foram passando lentamente. Analú olhava para os ponteiros do relógio dependurado no alto da parede atrás do balcão e eles pareciam se arrastar. Estava cansada e com fome. E agora se sentia uma idiota ali sentada a mais de duas horas.

Levantou-se e voltou ao balcão.

— Por favor, será que o senhor não teria um telefone para que eu possa avisar da minha chegada? Ou o endereço de onde eles possam estar agora?

— Desculpe-me, senhora, mas não tenho autorização para dar qualquer informação sobre os moradores.

— São seis da tarde — Analú disse desanimada — quanto eu ainda vou ter que esperar aqui?

O porteiro soltou um risinho.

— Se Mr. O'Brien passar no Sam hoje não antes das duas da madrugada.

— Sam?! Quem é Sam? Onde ele mora? — a esperança de sair finalmente daquela portaria se reascendeu.

— Sam é o *barman* do *Gleam*. Fica na *Second Avenue*. Se a senhora descer até a próxima esquina, duas quadras à esquerda, é só continuar descendo. Vai encontrá-lo *easy-peasy*. Tem um grande letreiro.

— Pode cuidar da minha mala até que eu volte? — um novo ânimo tomou conta de Analú. Qualquer coisa seria melhor que ficar ali plantada.

— Sem problemas.

A cada passo que Analú dava, mais distante a próxima esquina ficava. "Ali, só se for de mineiro"— pensava ela sentindo o peso das pernas.

Assim que entrou na *Second Avenue* e viu o letreiro em neon vermelho, imaginou-se no deserto vendo uma miragem. "Graças a meu São Judas Tadeu!"

O bar era pequeno, porém elegante, com umas três ou quatro mesas altas de tampo de madeira e vidro espalhadas pelo salão. No fundo, duas mesas maiores com bancos estofados formando um L, do outro lado, o majestoso balcão recebia uma iluminação de neon vermelho como da fachada e, atrás dele, prateleiras na parede espelhada repletas de garrafas refletiam a luz.

Ao reconhecer a irmã parada atrás do cliente, a quem ele acabava de servir um *Bourbon*, Alexandre fechou a cara, irritado. Caminhou para o canto que dava acesso à porta dos fundos e esperou que ela o acompanhasse, abrindo a portinhola do balcão.

Assim que Analú atravessou e entrou no depósito, ele fechou a porta atrás deles.

— O que está fazendo aqui?! Quer que eu perca meu emprego?

— Quero que volte para casa! Servir bebidas e lavar copos é o seu tal sonho americano? E os milhões de cursos que o pai pagou para você? Foi para dar nisso?

— Foi o que deu para arrumar — respondeu entre os dentes — pelo menos aqui eu não estou todo sujo de graxa!

— Graxa que pagou essa sua aventura!

E percebendo que esse não seria o argumento que o demoveria da ideia de continuar a viver sem futuro nenhum longe de casa, Analú mudou o tom e as palavras.

— Estávamos muito preocupados, Alê! Meses sem dar uma notícia. Depois telefona como se nada tivesse acontecido, dizendo que estava morando com um estranho que tinha acabado de conhecer. A mãe chora dia e noite por sua causa. O pai, você conhece o jeitão dele: calado. Mas ele não anda nada bem de saúde. Teve que se afastar da oficina por recomendação médica. O Geraldinho é bom mecânico, mas não tem iniciativa. Não paga as contas, os fornecedores. O pai vai perder a oficina se continuar assim. O que deixa ele ainda mais doente. Aquilo é a vida dele!

— A dele, não a minha.

Analú engoliu seco para não perder a linha com aquele moleque ingrato e insensível.

— Tudo bem. Você tem direito a ter seus próprios sonhos. A gente conversa sobre isso mais tarde. Agora eu só quero tomar um banho e cama. Quando termina seu expediente?

— Não acredito que veio até aqui, sem ser convidada, e ainda está pensado em ficar numa casa que nem é minha!

— Sou sua irmã. Quero conhecer esse cara que está te abrigando. É crime isso?

— Se é só para conhecer o Dylan, não precisa parar lá em casa. Ele está lá fora, no salão. Eu te apresento e você já pode voltar no pé que veio.

Analú parou assim que cruzou o balcão ansiosa e apreensiva seguindo o irmão com os olhos até que esse parou junto a uma mesa onde um casal conversava animadamente.

O homem de costas para ela, depois de ouvir algumas palavras que o rapaz disse ao seu ouvido, se despediu da mulher e veio caminhando calmamente em sua direção.

Era bem mais jovem do que imaginava e bonito também. Sequer reparou que mancava um pouco, encantava que estava com o sorriso que ele trazia estampado no rosto.

— A famosa Ana Luíza! — estendeu-lhe a mão, sustentando o sorriso — Dylan O'Brien.

Constrangida com o perfil que tinha traçado em sua cabeça a respeito dele, Analú abaixou a cabeça para não o encarar. Mas logo mudou de ideia. Afinal, pervertidos não trazem estrela na testa. E foi o olhando bem nos olhos claros dele que retribuiu ao aperto de mão.

— Se tivesse nos avisado que chegaria hoje, eu teria ido buscá-la no aeroporto. Como nos achou aqui?

— O porteiro me disse que poderiam estar aqui. Sei que eles não devem dar esse tipo de informação, mas eu já estava há horas à espera de vocês.

— Nossa! Deve estar cansada da viagem!

Sem esperar que ela dissesse mais alguma coisa, fez sinal para o senhor atrás do balcão e a puxou pelo braço em direção a saída.

— Vou chamar um táxi — disse já ganhando a rua.

O que não demorou a acontecer. Já no automóvel, foi a vez de Analú puxar assunto.

— Me surpreendeu. Com esse nome achei que fosse americano. Mas é brasileiro, não é? Quase não tem sotaque algum.

— Já morei no Brasil. No Pará, conhece?

— No Pará?! — ela estranhou — O que fazia no Pará?

— Sou antropólogo. Vivi algum tempo em uma tribo Munduruku.

— Me surpreendeu de novo! — Analú riu já encantada.

— Quando somos jovens, queremos mudar o mundo. Depois descobrimos que é o mundo que muda a gente.

Dylan riu antes de completar:

— Vai mudar o Alexandre também, não se preocupe. Já está mudando.

Ela agradeceria por tudo o que ele estava fazendo pelo irmão, mas o táxi parou em frente ao prédio. Definitivamente, deveria ter ido até o bar de táxi também.

Quando passaram pelo hall, o morador cumprimentou os dois funcionários, chamando-os pelo primeiro nome e pediu que subissem com a bagagem dela.

Analú anotava mentalmente cada predicado que encontrava para definir aquele homem. Educado, simpático, bem-humorado e carismático. Ao se dar conta de sua listinha, ela incluiu "perigoso" também. Porque era difícil não se encantar com a figura dele, mesmo que agora já tivesse percebido que ele mancava. Não que ele fosse lindo aos olhos dela. Como diria sua mãe, ele era bem-apessoado. Porém, ainda não sabia ao certo o que ele tinha de especial para que com cinco minutos de conversa, começasse a descrer de tudo o que já tinha formado em sua cabeça sobre ele, desde que soube da ligação do irmão para a sua mãe.

Porém, sua atenção agora estava voltada para a enorme sala em que estava. E se esforçou para parecer o mais natural possível não deixando transparecer seu deslumbre.

Dylan fez questão de levar a mala para o quarto quando o funcionário as deixou na entrada de serviço.

— Se importa em dividir o quarto com seu irmão essa noite? O outro está cheio de tralhas. Mas a cama é bem grande — disse apontando para a cama de casal desarrumada à sua frente.

— Não se preocupe com isso — respondeu sem jeito, se dando conta que aparecer de surpresa não tinha sido nada educado da parte dela.

— Amanhã, eu dou um jeito no outro quarto e você ficará mais confortável.

— Não precisa se dar a esse trabalho. Eu não pretendo ficar além dessa noite. Na verdade, já até me arrependi de ter vindo assim.

Ele desistiu de dobrar as cobertas que Alexandre deixou jogada sobre a cama e se virou:

— Você está cansada, Ana Luíza! Tome um banho enquanto eu arrumo algo para a gente comer e conversamos. Tem toalhas limpas no banheiro — apontou para a porta do outro lado do cômodo e saiu.

Debaixo do chuveiro, Analú se deu conta de que sua situação não era muito diferente da de seu irmão. Estava sozinha, tomando banho na casa de um homem que ela nunca tinha visto na vida. Riu de si mesma torcendo para que ele fosse realmente gay em vez de um tarado. Olhou para seu reflexo no espelho embaçado e pensou:

"Eu também não sou de se jogar fora. Mas ele é gay. Tenho certeza!"

— Gosta de macarrão com queijo?

Já o encontrou na cozinha, sem o paletó e com a manga da camisa dobrada até o cotovelo. Quando ele se virou, pode ver que usava um avental também. "O cara ainda cozinha!"

Analú agradeceu e se sentou na banqueta diante da ilha no centro da cozinha, onde ele já tinha colocado dois pratos, copos e talheres sobre o conjunto de pequenas toalhas de mesa. E, sem saber o porquê, começou a se perguntar: "Como eles chamam um jogo americano aqui? Todas as toalhas já não são americanas?" Ela nunca tinha se feito aquela pergunta e, por algum motivo aquela dúvida começava a corroê-la. Como jornalista tinha aprendido que nenhuma pergunta é estúpida quando a intenção é aprender.

— Que nome se dá para esse jogo de toalhinhas? — tirou atenção dele da panela.

— *American Game* — ele segurou o riso enquanto pôde, até que, compreendendo a brincadeira, Analú também soltou uma gostosa gargalhada colocando um fim ao mal-estar que sentia.

Até aquele momento, estava arrependida de sua intempestividade. Devia ter dado ouvidos ao marido que insistia que aquela viagem era uma loucura, ainda mais nas condições que ela embarcou: sem nem mesmo saber o que encontraria nos Estados Unidos. Porém, era justamente aquela sensação de completo desconhecimento sobre a situação do irmão que a fazia mais do que necessária. Nada a deteria. Sentia-se capaz de enfrentar qualquer problema que, eventualmente, acontecesse. Até mesmo ter que ter admitir que seu sexto sentido havia falhado.

Não demorou muito para que uma fumegante travessa de macarrão estivesse sendo servida.

— Como conheceu o Alê? — a jornalista interrompeu bruscamente a série de comentários banais sobre a comida que ele tinha preparado.

— Eu tropecei nele uma noite quando voltava para a casa — respondeu rindo.

E vendo que a resposta não tinha satisfeito a mulher, que agora o olhava com desconfiança, disse seriamente:

— Olha. Seu irmão estava passando por um momento difícil e eu resolvi ajudar. Arrumei um emprego para ele e o deixei ficar aqui até que possa se reerguer. Se economizar direitinho, logo Alexandre terá condições de comprar a passagem dele de volta ao Brasil. Quem sabe até levar algum dinheiro.

— Lavando copos em um bar?

— Muitos começam assim, Ana Luíza. Ele só precisa de uma oportunidade.

— Ele já teve essa oportunidade. Veio para cá as custas de todas as economias de meus pais e olha no que deu? Fui contra desde o início. Mas minha mãe achava que assim ele ficaria longe das más companhias com quem andava no Rio. Nunca aceitou que era o Alê, a má companhia.

Analú tinha os olhos perdidos no prato à sua frente enquanto se lembrava de todas as besteiras que o irmão já tinha feito. Alexandre pegava os carros dos clientes da oficina sem permissão para ir para a farra com os amigos, furtava dinheiro do caixa para suas noitadas, para comprar de roupas

e tênis de marca. Mas tudo piorou muito quando a mãe encontrou um suspeito saquinho plástico com um pó branco no meio das coisas dele. Seu irmão estava usando drogas, embora negasse, veementemente, todas as vezes que era confrontado.

A oportunidade de um curso extensivo oferecido por uma escola de línguas parecia ser a oportunidade perfeita para afastá-lo daquele círculo de amizades doentias e perigosas. Entretanto, como ela previu, não tinha sido o suficiente.

Apesar de apostar na recuperação do rapaz, Dylan contou-lhe em detalhes a situação precária com a que conheceu Alexandre, sem omitir nada que o rapaz mesmo o havia revelado. Eles eram irmãos, uma família, e por mais que Ana Luíza pudesse estar cética e profundamente irritada com a narrativa, ela se importava a ponto de ir parar em Nova Iorque atrás dele.

Dylan conhecia bem a irritante sensação de impotência diante dos fatos. Sabia que, nesses casos, pouco se podia fazer. Apenas oferecer suporte e meios para uma mudança. Compreendia que o desejo de mudar teria que partir do outro e ser reafirmada dia após dia. Que recaídas fatalmente aconteceriam e que, mais difícil do que estender a mão e apoiar, era saber o momento certo de desistir e deixá-los a própria sorte antes que, de salvador, passasse a vítima de sua insistência cega.

Nesse ponto, Ana Luíza concordava com ele. Enquanto Alexandre estivesse se esforçando, valia a pena continuar o apoiando.

— Fala como se não fosse a primeira vez que lida com um problema desses — concluiu curiosa.

— Mas espero que seja a última — foi a vez de ele deixar a mesa e recolher os pratos.

— Teve bons resultados? Posso ter esperança? — perguntou rindo para disfarçar o medo que tinha da resposta.

Os resultados que Analú esperava não existiram para Dylan. Nem com Alexandre, nem com Lisa, tinha sido capaz de salvá-los de si mesmo. Mas, com aquele Alexandre poderia ser diferente. Foi quando se deu conta de que a esperança que ele tinha era a mesma do passado e que não desistiria mais uma vez.

— Tudo vai ficar bem. Confie em mim.

Exausta, agradeceu sinceramente tudo o que Dylan estava fazendo pelo irmão. Pediu licença e foi se deitar. Sequer viu quando Alexandre se enfiou debaixo do edredom da cama que dividiram.

Dylan saiu cedo para o trabalho e Alê ainda estava dormindo. Sozinha naquele enorme apartamento, Analú não tinha ideia do que fazer e nem aonde ir. Alê tinha razão, era um "senhor" apartamento. Grande e bem mobilhado, com toda a espécie de conforto que se pode esperar de uma casa. A decoração também era um luxo. Mas tudo muito *clean*. Muito aço escovado, vidros e muito couro branco e preto fazendo um jogo de luz. Cortinas leves e claras nas imensas janelas. O piso de mármore branco com minúsculos veios escuros.

No fundo da parede, uma estante com alguns livros e uma aparelhagem de som capaz de abalar as estruturas daquele prédio. Agora ela entendia o porquê, Alê tinha gostado tanto de ficar ali. Imaginou o quanto a vizinhança não devia sofrer quando eles resolviam ouvir um som pesado. Mas ali não era a Vila Valqueire onde nasceram, era Manhattan e deveria haver leis contra esse tipo de abuso.

Curiosa, foi até o quarto de Dylan. Precisava ver como era. Afinal, ela estava pensando reformar o seu também. Podia ser que tivesse algumas ideias. Na hora, lhe pareceu uma boa desculpa para bisbilhotar. O quarto também era espaçoso. Paredes brancas, uma cama *king size* com a cabeceira estofada em couro preto. Sobre ela um quadro de fundo escuro, em tons de marrom e um desenho disforme que lhe pareceu um rosto em azul índigo, que a fez se lembrar do quadro O Grito de *Edvar Munch*. Mas aquele ali lhe pareceu a própria representação de um pesadelo. "Quem colocaria um quadro daqueles em cima da cama?" Com certeza, o ocupante daquele quarto devia ter tido um pesadelo como o do quadro aquela noite.

A cama estava toda revirada, o lençol todo enrugado, travesseiros espalhados e o edredom pelo chão. Um campo de batalha depois da guerra. Dos lados, criados com luminárias cromadas, um despertador digital e um telefone. Bem em frente à cama, um móvel branco ocupava quase toda a parede onde havia duas pequenas reproduções de Picasso, o Busto de Mulher com Chapéu de Flores e A Mulher que Chora, demonstrando que o proprietário tinha uma predileção por rostos, e que davam um certo colorido ao quarto.

Sobre essa espécie de cômoda uma televisão bem pequena para os padrões da casa. Certamente o dono não gostava muito de tevê. Ainda havia uma cadeira de design arrojado, parecendo um triângulo também em aço e couro preto sobre um tapete felpudo que lembrava o pelo de um Angorá. Ao lado da porta que dava para o corredor, havia uma outra que ligava um bagunçado closet ao banheiro, do lado oposto. Passou os olhos pelas roupas e confirmou suas suspeitas. Muitos ternos e camisas *Armani, Yves Saint Laurent, Donna Karan* e *Gucci*. Aquele homem sabia mesmo se vestir. O banheiro não lhe surpreendeu. Também era de mármore branco com uma banheira de hidromassagem retangular do lado oposto ao box, no fundo, uma bancada cheia de perfumes e cremes de barbear. As toalhas pretas eram a única coisa que não tinha aquele monótono branco. Pensando bem, aquele apartamento mais parecia um tabuleiro de xadrez. Faltava um toque feminino.

Voltou para sala procurando o que fazer. Estava irritada e entediada. Mas ela não tinha vindo de férias para perder tempo com compras e passeios. Esperava que Alê acordasse logo para que eles tivessem uma séria conversa antes que ele fosse para o trabalho. Ouviu o barulho de chave na porta e sentiu um grande alívio por não estar mais no quarto. Seria constrangedor se Dylan a pegasse lá xeretando. Porém, quem surgiu na porta foi uma mulher alta e loira com os cabelos meticulosamente presos num coque. Estava muito bem-vestida e nada satisfeita em ver mais alguém ali.

E foi com uma expressão arrogante de nariz empinado, a examinando de cima a baixo, com indisfarçável desdém, que ela perguntou:

— *Who are you*?

O primeiro pensamento de Analú foi que ela deveria ter vestido uma roupa melhor. Sentiu-se acuada e morta de raiva de si mesma por usar aquela calça jeans que tinha comprado na liquidação no shopping. Só os sapatos que a loira usava daria para comprar centenas de calças daquelas. E o tailleur a deixou ainda mais indignada. "Tão bem cortado! E esse tom de rosa? Lindo! E eu com essa blusa de lã e tênis! Ah, eu me odeio!".

A loira, ainda parada na porta, continuava olhando para a intrusa como se estivesse contando até dez para não a colocar para fora.

Analú, já imaginando que deveria se tratar de uma namorada ciumenta, esboçou um sorrisinho forçado, levantou-se do sofá, caminhou até ela e lhe estendeu a mão.

— *Hi! My name is Ana Luíza, I'm Alexandre's sister.*

A mulher ainda lhe deu uma boa olhada antes de retribuir o cumprimento.

— *Jessica Kinsey, Dylan's wife.*

Analú estava certa de que não ouviu um "ex" no meio dessa frase. "Mas o tal Dylan não é gay?"

— Também veio ficar aqui? — ela perguntou já colocando as chaves sobre o aparador de aço e vidro perto da porta.

— Não — disse para alívio de Jessica — só vim visitar meu irmão. E vai ser uma visita rápida. Deixei meu marido e meu filho pequeno no Brasil — completou para que a outra entendesse logo de que ela não era um ameaça.

— Hmm — fingindo não se importar.

A brasileira se conteve para não perguntar a se eles eram realmente casados. Mas preferiu descobrir aos poucos.

— Atrapalho? — perguntou.

— *No* — Jessica ameaçou sair da sala, mas logo voltou com uma cara mais amigável.

— Na verdade, você pode me ajudar, se quiser. Hoje é o aniversário do Dylan. Estou pretendendo fazer uma festa surpresa para ele. Nada muito grande. Só para nossos amigos mais íntimos.

— Com prazer — respondeu —, mas posso te pedir uma coisa?

— Claro! O que é?

— Fale mais devagar para que eu possa te entender. Vai me ajudar muito — e riram juntas. A loira finalmente tinha baixado a guarda.

Jessica passou a manhã inteira no telefone. Encomendou comida e bebidas. Ligou para alguns amigos. Enquanto Analú dava baixa na meticulosa lista de afazeres que ela tinha feito. Porém, a certa altura, não aguentou mais e perguntou:

— São casados há muito tempo?

Jéssica a olhou com certa tristeza e a outra logo entendeu tudo.

— Moramos juntos durante algum tempo. Agora estou em São Francisco. Fui transferida para lá — e completou —, mas estamos sempre juntos quando podemos.

— E isso é o suficiente? — arriscou.

Jessica abaixou os olhos e depois de um tempo calada, certamente fazendo uma avaliação de sua situação, disse:

— Dylan não está pronto para dividir a vida dele. Acha que não precisa de ninguém. É uma criança grande e teimosa — ela riu sem muita convicção das próprias palavras.

E Analú pensou consigo mesma: "Isso que é amor, hein? Atravessou o país inteiro só para fazer uma festa de aniversário para o cara".

Diante do silêncio constrangedor, Jessica pediu licença e foi para o quarto dizendo que precisava tomar um banho. Com quase tudo já acertado, Analú continuou ali na sala pensando o porquê uma mulher bonita, fina e independente se humilhava daquele jeito. Ela jamais faria isso por homem nenhum.

Quando a loira voltou parecia outra pessoa. Vestia uma calça preta e uma blusa de seda branca. Agora Analú sabia de onde vinha a ideia do "tabuleiro de xadrez". Os cabelos estavam soltos e ainda úmidos e sem nenhuma maquiagem. Ela lhe pareceu tão pálida. Pôde ver os vincos que a idade já deixava em seu rosto. Jessica, que deveria ter seus quarenta anos, não era tão melhor do que ela que podia não ter um par de sapatos como aqueles, porém, também não tinha pés de galinha e vincos no canto da boca. "Como nós mulheres somos maldosas e ferinas!". De qualquer modo, teve que admitir que Jessica era uma mulher muito bonita. Tinha um semblante austero, de olhar firme e até um pouco duro de quem tem que estar sempre provando alguma coisa e talvez por isso parecesse tão cansada.

Ela se sentou ao lado da outra no sofá e puxou conversa.

— Disse que tem um filho. Quantos anos ele tem?

— Quatro. Quer ver uma foto? Tenho uma na minha carteira.

Jessica disse que adoraria e Analú correu até o quarto onde estava sua bagagem para pegar a foto na bolsa.

— É uma gracinha! Se parece com você.

— Acha mesmo? Todo mundo diz que se parece com o pai — "Por que ela está tentando me agradar? Deixa de ser desconfiada Analú, ela só está sendo educada, mais nada" — pensou.

— Nunca pensou em ter filhos? — e se arrependeu imediatamente ao ver a desolação estampada no rosto da outra.

— Já. E muito. Ele teria agora dois anos se eu não o tivesse perdido — depois de algum silêncio, completou. — Nos separamos depois disso. Dylan queria muito esse filho.

— Então por que se separaram? Podiam ter tentado de novo — tentou consertar.

— Não sei… Acho que a magia se quebrou depois que perdemos o bebê.

Analú nunca soube se a mulher estava triste por ter perdido o filho ou por ter perdido o marido. Não saberia dizer qual das perdas doía mais nela. Talvez porque não há como se comparar tal coisa.

Conversaram durante muito tempo, principalmente depois que Alexandre saiu para o trabalho deixando as duas mais à vontade. E, por um motivo que Analú nunca entendeu, a outra contou muita coisa sobre sua vida.

A verdade é que Jessica estava mesmo precisando de alguém que a ouvisse e se sentiu confortável com o fato de que a Analú logo iria embora e talvez nunca mais a visse. Assim, ninguém que fazia parte de seu círculo de amizades, ficaria sabendo que ela não era a mulher tão durona como fazia questão de representar. Às vezes é mais fácil se abrir com um completo estranho. Ele não conhece toda história e vai acreditar na sua versão dos fatos. Suas chances são maiores que ele te dê razão e que fique do seu lado. Não faça muitas perguntas e não o julgue. Apenas o ouça.

A festa surpresa foi um fracasso. Não que algum de seus preparativos não tivesse saído como planejado, mas pelo simples fato de que o aniversariante odiava surpresas. E ele não fez questão nenhuma em esconder isso.

Dylan chegou em casa tarde da noite. Alguns de seus convidados já falavam em ir embora imaginando que ele não viesse dormir em casa naquela noite. Ele certamente estava no Sam, pois chegou em casa já bem alterado depois que Jessica ligou várias vezes, deixando mensagens em sua caixa postal.

Depois de receber inúmeras felicitações e presentes, pediu que o desculpassem pela demora, alegando que tinha sido realmente uma grande surpresa ver todos ali e que iria se trocar, mas não se demoraria. Algum tempo depois Jessica também sumiu. E logo se pode ouvir a discussão dos dois no quarto.

Quando ela voltou para a sala, tentando aparentar que nada tinha acontecido, muitos convidados se despediram justificando o adiantado da hora e a necessidade de trabalharem na manhã seguinte. Desolada, Jessica se desculpou pela falta de tato do aniversariante, agradecendo a presença de todos que rapidamente deixaram o apartamento.

Analú acordou com sede. Não tinha conseguido resistir ao champanhe e bebido mais do que estava acostumada. Ainda não compreendia o que desagradou o dono da casa. Sua festa surpresa, se não fosse pelo seu evidente mau humor, teria sido ótima. Boa bebida, comidas finas, o apartamento discretamente enfeitado por elegantes arranjos de flores. "Esses grã-finos não sabem dar valor às coisas!", pensava ela enquanto vestia um robe a caminho da cozinha.

Ao cruzar a sala na penumbra, iluminada apenas pelas luzes do bar filtrada pelos tijolos de vidro, ela se assustou com um barulho. Temeu ter encostado em alguma coisa sem querer. Mas logo seus receios se desfizeram. Dylan, sem a notar, se levantava do chão na frente do sofá que, até então o manteve oculto. Percebeu a dificuldade dele em permanecer de pé e correu para ajudá-lo.

— Você está bem, Dylan? Quer que eu chame a Jessica?

— Eu estou ótimo, não está vendo? Nas nuvens — respondeu com sarcasmo se livrando das mãos que tentavam sustentá-lo, abrindo os braços, buscando se equilibrar em uma perna só.

— Você está bêbado, isso sim! — Analú não se importou com a grosseria, pois sua encenação de voo lhe pareceu hilária — Senta aí, Peter Pan. Vou lá na cozinha te fazer um café.

— Peter Pan?! — ele caiu na gargalhada tombando pesadamente sobre o sofá.

— E fique quieto. Vai acordar a Jessica. Você já a aborreceu o suficiente por hoje. Ela teve tanto trabalho organizando sua festa de aniversário. Só queria te agradar. Não merecia tanto descaso — defendeu a mulher de quem já se sentia amiga íntima. Os homens eram mesmos todos iguais. No Brasil ou nos Estados Unidos.

— Festa?! Aniversário?! De quem? O meu é que não é — e não parava de rir.

Analú balançou a cabeça contrariada.

— Vou fazer logo esse café. Com bêbado não dá para conversar — e saiu não tendo tempo de perceber que aquele riso quase histérico aos poucos se transformaram em lágrimas e ele se calou.

Quando voltou trazendo duas canecas de café fumegante, encontrou Dylan novamente sentado no chão com os olhos pregados nas grandes vidraças à sua frente e o rosto lavado em lágrimas. Ela nunca imaginou que um dia veria um homem naquele estado. Cresceu ouvindo dizer que homens não choram, mas, o que ela via na sua frente, não lhe parecia um homem que acabava de completar quarenta anos como indicaram as velinhas do bolo. Era um menino, um rapazinho como seu irmão há pouco tempo também fora. E aquela lembrança a comoveu.

Colocou as canecas no chão e o abraçou maternalmente. Sentiu que ele lhe retribuiu o abraço e que as lágrimas silenciosas molhavam seu ombro. Não se importou e manteve o silêncio esperando até o momento que ele estivesse pronto para falar.

Depois de algum tempo, ele se recostou no sofá e sem encará-la, perguntou:

— Você me conhece?

— Como assim, se eu o conheço? — Analú não entendeu a pergunta, mas tentou respondê-la como pôde — Acho que sim. Bem… Um pouco.

— Então acha que me conhece? — Dylan continuava imóvel, olhando para frente, com os olhos fixos na vidraça.

— Bem, sei seu nome, onde mora, onde trabalha. Conheci sua esposa… Ex… Sei lá! — ela riu. Mas percebendo que ele não disse nada, continuou: — Sei que é uma boa pessoa. Fez muito mais pelo Alê do que aquela praga merecia. E isso eu vou ficar te devendo pelo resto da vida, Dylan. Nunca vou ter como retribuir a sua generosidade.

— Pois eu acho que pode.

Desconfiada com o rumo que aquela conversa estava tomando, Analú ameaçou se levantar.

— Não vou lhe deter — ele finalmente a encarou —, pode ir se quiser. Talvez seja o melhor para nós dois.

— Eu acho bom mesmo — disse indignada —, eu sou uma mulher casada e você também deveria ser. A Jessica ama você, sabia disso?

— Não é nada disso, senhora Ana Luíza Pereira — Dylan riu —, eu só ia lhe perguntar se gosta de ouvir histórias.

Envergonhada com o mau juízo que tinha feito e mais ainda por tê-lo dito em voz alta e feito papel de, no mínimo, presunçosa, ela voltou a se sentar cabisbaixa disposta a ouvi-lo como se assim pudesse desfazer todo aquele mal-entendido.

— Mas para ouvir essa história, tem uma condição. Está disposta a guardar segredo?

— Sou uma jornalista, Dylan. Adoro histórias e vivo atrás delas, mas não para guardá-las. Mas acho que te devo essa, né? — ela riu ainda sem graça finalmente lhe oferecendo a caneca. Depois de um simulado brinde a café como se ele selasse aquele estranho acordo, Dylan começou a falar em bom e claro português:

— Era uma vez, um garotinho muito mirrado. Todos o chamavam de Rato Russo.

E entre muitos risos e lágrimas, Dylan lhe contou sua história até o incêndio da Casa das Crianças como se contasse a vida de outra pessoa.

— Era seu amigo? Sinto muito que ele tenha morrido assim. Que horror!

— Mas ele não morreu — disse tranquilamente —, ainda não acabei a história.

— Não?! — perguntou sem entender. — Mas você disse que o Dill morreu baleado e o corpo foi encontrado carbonizado nos escombros da creche. Como ele não morreu?!

E antes que ele continuasse sua narrativa, pediu:

— Mas espera. Acho que vou precisar de mais café — foi à cozinha levando as duas canecas, voltando logo em seguida.

Dylan tomou um grande gole de café. Já não sentia mais o efeito do excesso de álcool. Ele havia se diluído com suas lágrimas que acompanharam a história de sua vida até aquele ponto.

— Estou pronta — disse Analú se ajeitando, cruzando as pernas sobre o sofá e se inclinando para frente —, louca para saber o que aconteceu ao Dill, como ele escapou do incêndio e como foi seu reencontro com Beatriz e o bebezinho.